

UM DIA





UM DIA
DAVID NICHOLLS



Civilização
Editora

Título original
One Day

Copyright da edição original
© David Nicholls 2009

O poema "Os Dias", do livro *The Whitsun Weddings*,
de Philip Larkin © 1964, foi usado
com permissão de Faber and Faber Ltd.

O excerto de *Burning the Days*, de James Salter © 1997,
foi usado com permissão da International Creative Management.

Copyright da edição portuguesa
© 2010 Civilização Editora
Todos os direitos reservados

Ilustração da capa
© Craig Ward

Adaptação da capa
Departamento editorial

Tradução
Ana Baer

Revisão
Departamento Editorial
e Rui Augusto

Pré-impressão, impressão e acabamentos
CEM Artes Gráficas

1.ª edição em Agosto de 2010

ISBN 978-972-26-3179-2
Depósito Legal 311642/10

Civilização Editora
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto
Tel.: 226 050 900
geral@civilizacaoeditora.pt
www.civilizacao.pt

Dedicado a Max e Romy, para quando forem mais velhos.
E a Hannah, como sempre.

“Para que são os dias?
É nos dias que vivemos.
Chegam, acordam-nos,
Vezes e mais vezes.
São para sermos felizes neles:
Onde havemos de viver senão nos dias?

Ah, responder a essa pergunta
Faz com que o médico e o padre,
De bata e batina comprida,
Atravessem, apressados, os campos.”

Philip Larkin, “Os Dias”

Primeira Parte

1988-1992

Os Vinte e Poucos

“Foi para mim um dia memorável, pois exerceu sobre mim grandes mudanças. Mas o mesmo sucede em qualquer vida. Imagine eliminar-lhe um determinado dia e pense no quão diferente o seu curso teria sido. Detenha-se, você que lê isto, e pense por um longo momento nas longas cadeias de ferro ou ouro, de espinhos ou flores, que jamais o teriam aprisionado, não fosse a formação do seu primeiro elo nesse dia memorável.”

Charles Dickens, *Grandes Esperanças*

PRIMEIRO CAPÍTULO

O Futuro

SEXTA-FEIRA, 15 DE JULHO DE 1988

Rankeillor Street, Edimburgo

– Acho que o importante é fazer alguma diferença – disse ela. – Mudar realmente alguma coisa, percebes?

– O quê, tipo “mudar o mundo”, é isso?

– Não o mundo inteiro! Só aquele bocadinho à tua volta.

Ficaram em silêncio durante um momento, de corpos enrolados um no outro, na cama de solteiro, e então desataram os dois a rir com as vozes graves de antes da aurora.

– Nem acredito no que acabei de dizer – murmurou ela. – Parecia uma velha, não parecia?

– Um bocadito.

– Estou a ver se te inspiro! Se consigo animar essa alma imunda para a grande aventura que tens pela frente! – Virou-se para ele. – Não que necessites disso. Calculo que terás o futuro planeadinho, muito direitinho, obrigada. Provavelmente com um fluxogramazinho algures, e tal.

– Improvável.

– Então, que vais fazer? Qual é o teu grande plano?

– Bem, os meus pais vêm buscar a minha tralha, largam-na em casa deles, e depois passo uns dias no apartamento deles em Londres, para ver uns amigos. Depois, França...

– Muito agradável.

– Depois talvez a China, ver que tal é aquilo; a seguir talvez vá para a Índia e viaje um bocado por lá...

– *Viajar* – suspirou ela. – Tão previsível.

– Que mal tem viajar?

DAVID NICHOLLS

– Chama-lhe antes evitar a realidade.

– Acho que se dá demasiada importância à realidade – disse ele, na esperança de um efeito misterioso e carismático.

– Está muito bem, acho eu, para quem se pode dar a esse luxo. Porque não dizer simplesmente, “Vou dois anos de férias”? É a mesma coisa.

– Porque viajar alarga os horizontes da mente – retorquiu, apoiando-se sobre um cotovelo e beijando-a.

– Oh, acho que a tua mente já tem os horizontes um pouco largos de mais, tal como está – disse ela, virando-lhe a cara, pelo menos de momento. Acomodaram-se outra vez na almofada. – Seja como for, não me referia ao que vais fazer no mês que vem, referia-me ao futuro-futuro, quando tiveres, não sei... – fez uma pausa, como que a conjurar alguma ideia extraordinária, como uma quinta dimensão – ... *quarenta anos* ou coisa assim. O que queres ser quando tiveres quarenta anos?

– *Quarenta?* – Também ele parecia debater-se com dificuldade perante tal conceito. – Não sei. Posso dizer “rico”?

– É tão superficial.

– Pronto, então, “famoso”. – Começou a acariciar-lhe o pescoço com o nariz e a boca. – Isto é um bocado mórbido, não é?

– Mórbido, não, é... emocionante.

– “Emocionante!” – Agora imitava-lhe a voz, a pronúncia suave de Yorkshire, procurando fazê-la soar apatetada. A ela acontecia-lhe isso muita vez, meninos queques a fazerem vozes engraçadinhas, como se uma pronúncia fosse alguma coisa invulgar e inconvençãoal, e, não pela primeira vez, sentiu um arrepio reconfortante de aversão em relação a ele. Afastou-se, retraindo o corpo, até ter as costas contra o frio da parede.

– Sim, emocionante. É de esperar que estejamos emocionados, não é? Tantas possibilidades. É como disse o vice-chanceler: “As portas da oportunidade abertas de par em par...”

– “São os vossos, os nomes nos jornais de amanhã...”

– É *pouco* provável.

– Pronto, então, estás emocionada?

– Eu? Meu Deus, não, estou toda borradinha.

– Também eu. Meu Deus! – Virou-se subitamente para apagar os cigarros que estavam no chão, ao lado da cama, para

UM DIA

acalmar os nervos. – Quarenta anos. Quarenta. Que inferno do caraças.

Sorrindo perante a ansiedade dele, ela decidiu piorar o cenário.

– Então, que estarás tu a fazer quando tiveres quarenta anos?

Ele acendeu o cigarro pensativamente.

– Bem, Em, o que acontece é que...

– “Em”? Quem é essa?

– Há quem te trate por “Em”. Já ouvi gente a fazê-lo.

– Sim, os *amigos* tratam-me por Em.

– Então, posso tratar-te por Em?

– Pode ser, *Dex*.

– Ora bem, ponderei esta coisa toda do “envelhecer” e cheguei à conclusão de que gostaria de permanecer exactamente como estou neste momento.

Dexter Mayhew. Ela examinou-o por entre a franja do cabelo, encostado à cabeceira barata da cama de estofos de vinil com botões e, mesmo sem óculos, era evidente por que razão ele queria permanecer exactamente como estava. De olhos fechados, o cigarro languidamente colado ao lábio inferior, a luz da aurora a amornar-lhe o rosto de lado, através do filtro vermelho das cortinas, tinha o jeito de estar perpetuamente a fazer pose para uma fotografia. Emma Morley achava-o “galante”, uma palavra tola, de século XIX, mas de facto não havia outra palavra para o descrever, excepto, talvez, “belo”. Ele tinha um desses rostos em que se lhe notavam os ossos que havia por debaixo da pele, como se até a sua caveira nua fosse atraente. Um nariz fino, levemente lustroso de gordura, e pele escura por baixo dos olhos que pareciam quase ter sido esmurrados, uma honrosa insígnia de tanto fumar e das noitadas passadas a perder deliberadamente aos jogos de *strip-poker* com raparigas de Bedales. Havia nele um quê de felino; sobrancelhas finas, boca num beicinho constrangido, lábios com uma tonalidade escura em demasia e cheios, agora secos e gretados, e avermelhados do vinho tinto búlgaro. Felizmente, o corte de cabelo era uma desgraça, curto atrás e dos lados, mas com uma poupazinha horrenda à frente. O gel que lhe teria posto já tinha desaparecido, e agora a poupa estava toda arrebitada e farfalhuda, como um chapelinho ridículo.

DAVID NICHOLLS

Ainda de olhos fechados, exalou fumo pelo nariz. Tinha claramente noção de que estava a ser observado, porque enfiou uma mão por baixo do sovaco, para fazer sobressair os peitorais e os bíceps. De onde vinham aqueles músculos? De actividades desportivas é que não era, a menos que tomar banho em pelota e jogar bilhar contassem. Provavelmente, era apenas um sinal da boa saúde que se herdava, a par de títulos de rendimento e acções e boa mobília. Pois que o fosse, galante, ou até mesmo belo, com os *boxers* de cornucópias descidos até ao osso da anca, e sabe-se lá como, aqui, na cama de solteira dela, no minúsculo quarto arrendado, ao fim de quatro anos na universidade. “Galante”! Por quem te tomas, pela Jane Eyre? Vê se cresces. Se tens juízo. Não te deixes arrebatat.

Tirou-lhe o cigarro da boca.

– Imagino-te com quarenta anos – disse ela, com um toque de malícia na voz. – Sou capaz de te imaginar, agora mesmo.

Ele sorriu, sem abrir os olhos.

– Então, diz lá.

– Está bem – disse ela, chegando-se mais acima, para a cabeceira, com o edredão preso por baixo dos braços. – Vais num carro desportivo, descapotável, por Kensington ou Chelsea, ou um sítio assim, e o extraordinário nesse carro é que é silencioso, porque todos os carros hão-de ser silenciosos em, sei lá quando... em 2006?

Ele semicerrou os olhos, para fazer a soma.

– 2004.

– E o carro vai por King’s Road abaixo, a flutuar a quinze centímetros do solo, e tens a pança encaixada por baixo do volante de couro, como uma almofadinha, e usas daquelas luvas abertas nas costas da mão, não tens queixo e comesas a perder o cabelo. És um grande homem num carro pequeno, com um bronzeado como um peru assado e untado...

– Então, podemos mudar de assunto?

– E vai uma mulher ao teu lado, de óculos escuros, a tua terceira, não, quarta esposa, muito bela, é modelo, não, é *ex-modelo*, de vinte e três anos, conhecestes-a estava ela exposta em cima da capota de um carro, numa exposição de automóveis em Nice, ou algo assim, e ela é deslumbrante e burra como o caraças...

UM DIA

– Que agradável. Tenho filhos?

– Filhos não, tens apenas três divórcios, e é uma sexta-feira de Julho e vão a caminho de uma casa de campo e na mala minúscula do teu carro flutuante há raquetas de ténis e tacos de *croquet* e uma cesta cheia de bons vinhos e uvas sul-africanas e pobres codornizes pequeninas e espargos, e o vento dá-te nas entradas das têmporas e sentes-te muito, muito satisfeito contigo, e a esposa número três, quatro, ou seja lá o que for, sorri para ti com brilhantes dentinhos brancos, e tu retribuís o sorriso e procuras não pensar no facto de que não têm nada, absolutamente nada, a dizer um ao outro.

Parou abruptamente.

“Pareces louca”, disse para consigo. “Faz por não pareceres louca.”

– Mas claro, se te servir de consolo, vamos morrer todos numa guerra nuclear muito antes! – disse ela, alegremente, mas, ainda assim, ele franziu-lhe o sobrolho.

– Então, talvez seja melhor ir embora. Se sou assim tão superficial e corrompido...

– Não, não vás – disse ela, talvez depressa de mais. – São quatro da manhã.

Ele compôs-se contra a cabeceira, até ficar com a cara a poucos centímetros da dela.

– Não sei onde foste buscar esta impressão de mim, mal me conheces.

– Conheço o tipo.

– O tipo?

– Eu bem vos vejo nas Línguas Modernas, muito divertidos a zurrar, a dar jantares formais...

– Nem sequer tenho roupa para um jantar desses. E de certeza que não zurro.

– Fazem cruzeiros de iate pelo Mediterrâneo nas férias grandes, sei lá...

– Então, se sou tão horrível... – Tinha agora a mão na anca dela.

– ... Claro que...

– Então, porque é que quiseste dormir comigo? – Tinha a mão na carne morna e macia da coxa dela.

DAVID NICHOLLS

– De facto, acho que ainda não te mostrei se quero ou não dormir contigo.

– Bem, depende. – Inclinou-se e beijou-a. – Diz quais as tuas condições. – Tinha a mão no fundo das costas dela, a perna a deslizar-lhe entre as dela.

– Falando nisso – balbuciou, com a boca comprimida contra a dele.

– O quê? – Sentiu a perna dela serpentear à volta da sua, a puxá-lo mais para ela.

– Tens de lavar os dentes.

– Se não te importares com isso, a mim não me importa.

– É mesmo horrível. – Riu-se. – A tua boca sabe a vinho e a cigarros.

– Nesse caso, tudo bem. A tua também.

Ela afastou a cabeça bruscamente, interrompendo o beijo.

– A sério?

– A mim não me importa. Eu gosto de vinho e de cigarros.

– Não demora um segundo. – Afastou o edredão, trepando por cima dele.

– Aonde vais? – perguntou, pousando-lhe a mão nas costas nuas.

– Vou só à retrete – respondeu, retirando os óculos do monte de livros junto à cama: armações grandes, pretas, dessas subsidiadas pela Segurança Social, um modelo igual para toda a gente.

– Retrete... “retrate”... peço desculpa, não estou habituado...

Ela pôs-se de pé, com um braço a tapar o peito, com cuidado para só se mostrar de costas.

– Não te vás embora – disse, saindo do quarto em bicos de pés, metendo dois dedos no elástico das cuecas para as puxar para o sítio. – E nada de brincares sozinho enquanto eu não estiver.

Ele expirou pelo nariz e endireitou-se mais na cama, apreciando o reles quarto arrendado, absolutamente confiante de que algures entre os postais de arte e os cartazes fotocopiados de coléricas peças de teatro haveria uma fotografia de Nelson Mandela, qual ideal namoradinho de sonho de uma rapariga. Nos últimos quatro anos, tinha visto um sem-número de quartos assim, semeados por toda a cidade como locais de um crime,

UM DIA

quartos onde nunca se estava a mais de dois metros de distância de um álbum da Nina Simone, e, apesar de raramente ter visto duas vezes o mesmo quarto, era-lhe tudo demasiado familiar. As luzes nocturnas fundidas e as tristonhas plantinhas em vaso, o cheiro a detergente em pó nos lençóis baratos, que não assentavam bem nos colchões. Ela também tinha aquela paixão artística de rapariga pela fotomontagem; havia fotos tiradas com *flash* de amigas da universidade e da família numa confusão entre os Chagalls e os Vermeers e os Kandinskys, os Che Guevaras e os Woody Allens e os Samuel Becketts. Aqui nada era neutro, tudo traduzia uma lealdade ou opinião. O quarto era um manifesto e, com um suspiro, Dexter reconheceu-a como uma dessas raparigas que usavam “burguês” como termo de insulto. Conseguia perceber porque é que “fascista” teria as suas conotações negativas, mas gostava da palavra “burguês” e de tudo o que ela implicava. Segurança, viagens, comida requintada, boas maneiras, ambição; tinha de pedir desculpas porquê?

Viu o fumo sair em ondas da boca. Tacteando à procura de um cinzeiro, encontrou um livro ao lado da cama. *A Insustentável Leveza do Ser*, com vincos na lombada marcando as partes “eróticas”. O problema destas raparigas ferozmente individualistas era serem todas exactamente iguais. Outro livro: *O Homem Que Confundiu a Mulher com Um Chapéu*. Palermo do caraças, pensou, confiante de que era um erro que jamais cometeria.

Aos vinte e três anos de idade, a visão que Dexter Mayhew tinha do seu futuro não era mais clara que a de Emma Morley. Tinha esperança de vir a ter sucesso, de fazer os pais sentirem orgulho dele e de dormir com mais do que uma mulher ao mesmo tempo, mas como conciliar tudo isto? Queria que escrevessem artigos de fundo sobre ele nas revistas, e esperava que um dia fizessem uma retrospectiva do seu trabalho, sem ter qualquer noção definida do que seria esse trabalho. Queria viver a vida até ao limite, mas sem quaisquer asneiradas ou complicações. Queria viver a vida de tal forma que, se por acaso lhe tirassem uma fotografia, seria uma fotografia com estilo. As coisas deveriam parecer bem. Diversão; devia haver muita diversão, e não mais tristeza do que a absolutamente necessária.

DAVID NICHOLLS

Não era um grande plano, e já tinha cometido erros. Esta noite, por exemplo, traria decerto repercussões: lágrimas e telefonemas embaraçosos e acusações. Provavelmente, era melhor ir-se embora tão depressa quanto possível, e olhou de relance para as roupas que tinha largado, antecipando a fuga. Da casa de banho veio o chocalhar e o estrondo de aviso de um autoclismo antigo, e devolveu apressadamente o livro ao seu lugar, encontrando por baixo da cama uma latinha amarela de mostarda Colman, que abriu para confirmar, e sim, continha realmente preservativos, a par dos restos diminutos de um charro, parecidos com uma caganita de rato. Com a possibilidade de sexo e drogas na latinha amarela, voltou a sentir-se esperançado, pelo que decidiu que ficaria talvez mais um bocado, pelo menos.

Na casa de banho, Emma Morley limpou os quartos crescentes de pasta de dentes do canto da boca e interrogou-se se isto não seria tudo um erro terrível. Ali estava ela, depois de quatro anos romanticamente áridos, finalmente, finalmente na cama com alguém de quem realmente gostava, de quem já gostava desde que o vira pela primeira vez numa festa em 1984, e dentro de apenas poucas horas ele desapareceria. Talvez para sempre. Dificilmente a convidaria para ir com ele à China, e além disso, ela estava a boicotar a China. E era simpático, não era? O Dexter Mayhew. Na verdade, ela suspeitava que não seria assim tão esperto, e que talvez se tivesse em excessiva boa conta, era um tipo popular e divertido e – não fazia sentido debater esse facto – muito bem-parecido. Por isso, porque estava a ser tão refilona e sarcástica? Porque não conseguia simplesmente ser autoconfiante e divertida, como aquelas raparigas frescas e animadas com quem ele costumava andar? Viu a luz da aurora na minúscula janela da casa de banho. Sobriedade. Esga-danhando o cabelo horrível com as pontas dos dedos, fez uma careta, e depois deu um puxão na corrente do autoclismo antigo e voltou para o quarto.

Da cama, Dexter viu-a aparecer à porta, vestida com a toga e o barrete académico que tinham sido obrigados a alugar para a cerimónia de formatura, arqueando a perna num arremedo de

UM DIA

sedução contra o caixilho da porta, o diploma de formatura enrolado numa mão. Espreitou-o por cima dos óculos e inclinou o barrete sobre um olho.

– Que achas?

– Fica-te bem. Agrada-me o ar desenvolto. Agora, despe lá isso e volta para a cama.

– Nem pensar. Esta coisa custou-me trinta libras. Vou aproveitar ao máximo o dinheiro que gastei. – Rodopiou a toga como uma capa de vampiro. Dexter puxou-lhe por uma ponta, mas ela bateu-lhe com o diploma enrolado antes de se sentar na beira da cama, de arrumar os óculos e de sair de dentro da toga. Ele teve um último vislumbre das costas nuas e da curva do peito dela, antes que desaparecessem por baixo de uma *t-shirt* preta que exigia de imediato o desarmamento nuclear unilateral. Acabou-se, pensou. Não havia nada que suscitasse menos desejo sexual do que uma *T-shirt* política preta e comprida, excepto talvez aquele álbum da Tracy Chapman.

Resignado, apanhou o diploma do chão, fez deslizar o elástico do rolo, e anunciou:

– Língua Inglesa e História, Muito Bom com Distinção.

– Lê isso e chora, menino de Bom. – Tentou apanhar o rolo de papel. – Eh, cuidadinho com isso.

– Vais emoldurá-lo, é?

– Os meus pais vão fazer papel de parede com isso. – Enrolou-o bem apertado, acertando as extremidades. – E individuais de mesa plastificados. A minha mãe vai mandar tatuá-lo nas costas.

– Onde estão os teus pais?

– Estão aqui no quarto ao lado.

Ele encolheu-se.

– Meu Deus, a sério?

– Não, a sério que não. – Riu-se. – Já voltaram de carro para Leeds. O meu pai acha que ficar em hotéis é coisa para ricalhaços. – O rolo foi arrumado debaixo da cama. – Agora chega-te para lá – disse, fazendo-o chegar-se para o lado frio do colchão. Ele deixou-a meter-se na cama, enfiando um braço algo desconfortavelmente por baixo dos ombros dela, arriscando dar-lhe um beijo no pescoço. Ela virou-se e olhou para ele, com o queixo retraído.

DAVID NICHOLLS

– Dex?

– Hã?

– Vamos só ficar assim, a fazer mimiños, sim?

– Claro. Se quiseres – replicou, galantemente, embora, na verdade, nunca tivesse entendido para que serviam os mimiños. Dava-se mimiños às tias-avós e aos ursinhos de peluche. Apanhava maus jeitos a fazer mimiños. O melhor agora era admitir a derrota e ir embora para casa o mais depressa possível, mas ela já instalava a cabeça territorialmente no ombro dele, e ficaram assim deitados, rígidos e constrangidos durante algum tempo, até que ela disse:

– Não posso crer que disse “mimiños”. Grande porra! *Mimiños*. Desculpa lá.

Ele sorriu.

– Não faz mal. Ao menos, não disseste *aconchegadinhos*.

– *Aconchegadinhos* é muito mau.

– Ou *fazer carinhos*.

– *Fazer carinhos* é horrendo. Prometamos jamais, em tempo algum, *fazer carinhos* – disse ela, arrependendo-se de imediato daquele comentário. O quê, um com o outro? Parecia haver pouca possibilidade de tal coisa. Ficaram outra vez em silêncio. Tinham passado as últimas oito horas a falar e aos beijos, e sentiam ambos aquela profunda fadiga no corpo todo que chega de madrugada. Os melros cantavam no jardim desmazelado das traseiras.

– Adoro aquele som – murmurou, no cabelo dela. – Melros de madrugada.

– Eu odeio-o. Faz-me pensar que fiz alguma coisa de que me vou arrepender.

– É por isso que eu o adoro – disse ele, mais uma vez procurando um efeito misterioso, carismático. Depois de um instante, acrescentou: – Porquê, fizeste?

– O quê?

– Alguma coisa de que te vás arrepender?

– O quê, estás a falar disto? – Apertou-lhe a mão. – Oh, imagino que sim. Ainda não sei, pois não? Pergunta-me de manhã. Porquê, estás arrependido?

Ele encostou a boca à parte de cima da cabeça dela.

UM DIA

– Claro que não – disse, e pensou: “Nunca mais posso permitir que me aconteça uma coisa destas.”

Satisfeita com a resposta, enroscou-se mais contra ele.

– Devíamos dormir um bocado.

– Para quê? Amanhã não há nada. Não temos prazos a cumprir, nem trabalhos...

– Temos somente a totalidade das nossas vidas pela frente – disse ela, sonolenta, inspirando o maravilhoso cheiro morno e rançoso dele e, ao mesmo tempo, sentindo uma ondulação de ansiedade percorrer-lhe os ombros, ante aquela perspectiva: a vida adulta e independente. Não se sentia uma adulta. Não estava de modo algum preparada. Era como se um alarme de incêndio tivesse disparado a meio da noite e ela estivesse no meio da rua, com uma trouxa de roupa na mão. Se não estudava, então, fazia o quê? Como havia de preencher os dias? Não fazia ideia.

O segredo, disse para consigo, é ser corajosa e arrojada e fazer alguma diferença. Não era exactamente mudar o mundo, só aquela parte à tua volta. Sair para o mundo com o teu Muito Bom com Distinção em duas áreas, a tua paixão e a tua nova máquina de escrever eléctrica *Smith Corona*, e trabalhar no duro em... qualquer coisa. Mudar vidas por meio da arte, talvez. Escrever coisas belas. Estimar os amigos, manter-se fiel aos seus princípios, viver apaixonada e plenamente e bem. Experimentar coisas novas. Amar e ser amada, se tal coisa for sequer possível. Alimentares-te como deve ser. Coisas assim.

Não era grande coisa em termos de filosofia de vida, e que se pudesse partilhar, muito menos com este homem, mas era no que ela acreditava. E até ali, as poucas primeiras horas de vida adulta independente tinham corrido bem. Talvez de manhã, depois de tomar um chá e uma aspirina, até arranjasse coragem para o chamar outra vez para a cama. Entretanto, já estariam sóbrios, o que não facilitaria nada as coisas, mas talvez até lhe desse prazer. As poucas vezes que tinha ido para a cama com rapazes, acabara sempre com ataques de riso ou de choro, e talvez fosse agradável experimentar algo intermédio. Interrogou-se se haveria preservativos na lata de mostarda. Não havia razão para não haver, ainda lá estavam da última vez que tinha

verificado: em Fevereiro de 1987, com Vince, um engenheiro químico de costas peludas que tinha assoado o nariz à fronha dela. Tempos felizes...

Começava a clarear lá fora. Dexter via o cor-de-rosa do novo dia penetrar através das pesadas cortinas de Inverno que vinham com o quarto arrendado. Com cuidado para não acordar, esticou o braço e largou a ponta do cigarro para dentro da caneca de vinho e ficou a olhar para o céu. Agora não havia grande probabilidade de dormir. Em vez disso, entreter-se-ia com os relevos no estuque cinzento no tecto até ela estar completamente adormecida, para então se esgueirar da cama e do quarto sem acordar.

Claro que ir-se embora agora significaria nunca mais tornar a vê-la. Interrogou-se se isso lhe importaria a ela, e presumiu que importaria: elas costumavam importar-se. Mas ele importar-se-ia? Passara perfeitamente bem sem ela durante quatro anos. Até à noite passada, sempre achara que se chamava Anna, e contudo, na festa, não conseguira tirar os olhos dela. Porque é que até agora nunca reparara nela? Examinou-lhe o rosto enquanto ela dormia.

Era bonita, mas parecia irritada por ser bonita. O cabelo ruivo-acastanhado estava quase propositadamente mal cortado, cortara-o sozinha em frente ao espelho, provavelmente, ou tinha-lho cortado a Tilly-não-sei-quantas, aquela rapariga espalhafatosa, grandalhona, com quem ela partilhava o apartamento. A pele dela tinha um ar pálido e inchado que revelava demasiado tempo passado em bibliotecas ou a beber canecas nos *pubs*, e os óculos faziam-na parecer muito solene e empertigada. Tinha um queixo suave e um pouco roliço, embora talvez fosse apenas gordurinha de adolescente (seria que nos dias de hoje ainda era permitido usar palavras como “roliço” e “gordurinha de adolescente”? Da mesma maneira que um tipo não lhe podia dizer que ela tinha umas mamas espectaculares, mesmo sendo verdade, sem ela ficar toda ofendida).

“Deixa lá isso”, pensou, voltando à cara dela. Havia um lustro ligeiramente gorduroso na ponta do narizinho perfeito e um salpico de minúsculos pontinhos vermelhos na testa, mas, fora isto, não havia como negar que a cara dela – bem, a cara dela

UM DIA

era uma maravilha. Com os olhos fechados, descobriu que não se conseguia lembrar ao certo da sua cor exacta, só que eram grandes e brilhantes e cheios de humor, tal como os dois vincos nos cantos da boca larga, parênteses profundos que se intensificavam quando ela sorria, o que parecia acontecer frequentemente. Bochechas macias, rosadas, mosqueadas, almofadas de carne que tinham ar de ser mornas ao toque. Sem *bâton*, mas com lábios macios, cor de framboesa, que ela mantinha firmemente cerrados quando sorria, como se não quisesse mostrar os dentes, que eram um pouco grandes para a boca, o dente da frente um pouco lascado, tudo a dar a impressão que ela escondia algo, uma risada ou um dito espirituoso, ou alguma piada secreta fantástica.

Se fosse embora agora, provavelmente nunca tornaria a ver este rosto, excepto, talvez em alguma reunião horrível daqui a dez anos. Ela estaria obesa e desiludida e queixar-se-ia de ele ter saído à socapa sem dizer adeus. O melhor era sair silenciosamente e não ir às reuniões. Seguir em frente, olhar para o futuro. Havia por aí muitas outras caras.

Mas quando tomou esta decisão, a boca dela rasgou-se num sorriso largo, e sem abrir os olhos, ela disse:

– Então, Dex, que te parece?

– Que me parece o quê, Em?

– Nós os dois. Achas que é amor? – E soltou um riso grave, com os lábios firmemente cerrados.

– Vê se dormes, sim?

– Então, pára de me espreitar para dentro do nariz. – Abriu os olhos, azuis e verdes, vivos e sabidos. – Que dia é amanhã? – balbuciou.

– Hoje, queres tu dizer?

– Hoje. Este radiante novo dia que nos espera.

– É um sexta-feira. Vai ser sexta-feira o dia inteiro. Dia de São Swithin, por sinal.

– E depois?

– Diz a tradição, se hoje chover, há-de chover nos próximos quarenta dias, ou durante o Verão todo, ou algo assim.

Ela franziu o sobrolho.

– Isso não faz sentido nenhum.

DAVID NICHOLLS

- Nem é para fazer. É uma superstição.
- Chover, onde? Está sempre a chover algures.
- No túmulo de São Swithin. Está enterrado no exterior da Catedral de Winchester.
- Como é que sabes isso tudo?
- Estudei lá.
- Pois, que fino – murmurou ela, na almofada.
- “Se chover no dia de São Swithin/ qualquer coisa ter-lim-tim-tim.”
- Que belo poema.
- Pois, é uma mera paráfrase.
- Ela riu-se mais uma vez, depois levantou a cabeça, ensonada.
- Mas, olha lá, Dex?
- Diz, Em.
- Se hoje não chover?
- Sim?
- Que é que fazes mais logo?
- Diz-lhe que tens um compromisso.*
- Nada de especial – disse ele.
- Que tal fazermos qualquer coisa? Tu e eu, quero dizer.
- Espera até ela adormecer e sai à socapa.*
- Sim. Está bem – disse ele. – Vamos fazer qualquer coisa.
- Ela deixou a cabeça tombar mais uma vez em cima da almofada.
- Um novo dia – murmurou.
- Um novo dia.